



**Izabelita Gonçalves descobriu que era HIV positivo na primeira gestação: filhos saudáveis**

## Descoberta no passado

Há quase três décadas William\*, morador de São Paulo, 61 anos, descobriu de forma tardia o diagnóstico positivo do HIV. Depois de longos sete meses, a dor invisível e lenta provocada pela doença quase o levou à morte. Emagrecimento e cansaço foram os sinais sentidos pelo paciente, que viajou pelas praias do Brasil antes de ser surpreendido com o vírus em seu corpo.

Logo que voltou de férias, William lembra que foi tomado por uma espécie de febre assustadora. Imediatamente ingeriu remédios, mas eles não funcionaram. “Como os sintomas febris não baixavam, tive uma parada cardíaca. Minha sogra, que na época era enfermeira, me ressuscitou. Até que eu tive o segundo ataque e fui levado para o pronto-socorro. Lá, ainda tive mais dois ataques”, descreve.

Em estado catatônico, William ficou paralisado diante da situação. Não sabia como pedir ajuda, como tomar banho ou até comer durante seis meses. Nesse período, a esposa marcou uma série de exames, que constataram a existência da aids. Longos meses de tratamento dentro de casa o recuperaram, trouxeram o peso normal e restabeleceram uma felicidade que permanecia distante há algum tempo.

A família, nesse processo, foi fundamental como fonte de apoio. No local de trabalho, onde atuava como funcionário público, a recepção calorosa trouxe mais força para lidar com a doença. Nos anos de 1980 e 1990, quando o vírus aparecia de maneira estupefacente, as informações eram quase inexistentes.

Hoje, a nova geração, segundo William, não sabe o que realmente foi o HIV em sua época. Mas, mesmo assim, assegura que nos dias atuais é possível viver bem e naturalmente. E, principalmente, feliz.

**\*William pediu para não divulgar o sobrenome**

## ESTIGMAS E TABU

- Uma realidade vivenciada por aqueles que são soropositivos é o preconceito que, desde sempre, rodeia a doença. No passado, ainda no início dos estudos em relação ao vírus, a intolerância e a perseguição eram enormes. “É muito triste que em 2022 estejamos falando sobre isso, uma infecção bem controlada, se for bem tratada. Mas ainda existem muitos estigmas, motivados pela desinformação”, aponta a infectologista Letícia Sudbrack, do Hospital Sírio Libanês.
- A imagem dos positivados, na visão da médica, sempre esteve associada à promiscuidade e à falta de cuidados consigo mesmo. Fatores que não possuem nenhum tipo de relação com a aids. Sudbrack reitera que o HIV atinge qualquer tipo de pessoa, raça, religião, credo ou classe econômica. Sem ligações com a orientação sexual do indivíduo.
- “A gente precisa falar mais sobre o vírus.” Ao promover mais o debate, essa será a única maneira de solucionar as problemáticas correlacionadas ao tema. Informação de qualidade, junto aos avanços ligados ao controle da doença podem contribuir a uma menor quantidade de preconceitos e discursos de ódio propagados.

## GERAÇÃO DESINFORMADA

A médica Letícia Sudbrack descreve uma mudança de comportamento entre as gerações antigas e as mais novas. Na evolução da doença, segundo ela, o vírus provocava mais medo, principalmente em razão do número de mortes. Hoje, as sensações e percepções por parte dos jovens são diferentes. “Esse público encara a doença como controlada, sem um desfecho desfavorável, contanto que faça o tratamento”, analisa.

No entanto, Sudbrack alerta que esse sentimento de menos temor também perpassa pela ausência de divulgação e informações sobre o HIV. Com o desenvolvimento das intervenções médicas, as ações educativas sofreram uma grande redução, produzindo o desconhecimento e a desinformação sobre o assunto. “A nova geração é mais desinformada e menos temerosa, porque se ouve menos, se fala e se teme menos em relação à infecção”, destaca a médica.

Arelado a essa falta de conhecimento sobre o tema, o nível de contaminação segue alto. Isso porque o incentivo e as informações disponíveis não chegam a grande parcela da população, de acordo com a infectologista. O acesso ao conteúdo relacionado ao vírus existe, mas é pouco difundido. Para solucionar esse obstáculo, são necessárias políticas públicas de saúde, como forma de prevenção e conscientização da sociedade.